

Mais de 13 milhões de livros vendidos

LUCINDA RILEY

A CASA DAS
ORQUÍDEAS



ARQUEIRO

Sião, muitas luas atrás . . .

Dizem que, no Sião, quando um homem se apaixonou profundamente por uma mulher, de modo arrebatador e irrevogável, ele se torna capaz de qualquer coisa para mantê-la ao seu lado, para lhe agradar e fazer com que ela o valorize acima de todos os outros.

Certa vez, houve um príncipe do Sião que se apaixonou dessa maneira por uma mulher de rara beleza. Fez-lhe a corte e a conquistou, mas, poucas noites antes do casamento – uma celebração que incluiria banquetes, danças e divertimento para toda a nação –, ele estava inquieto.

Sabia que precisava de alguma forma provar seu amor com um ato de heroísmo e poder, um ato que pudesse ligá-la a ele para todo o sempre.

Precisava encontrar algo que fosse tão raro e belo quanto sua amada.

Após muito pensar, chamou seus três criados de mais confiança e explicou o que eles deveriam fazer.

– Ouvi dizer que floresce uma orquídea negra em nosso reino, lá no alto das montanhas do norte. Quero que vocês a encontrem e tragam-na ao meu palácio, para que eu possa dá-la à minha princesa no dia de nossas bodas. O primeiro que me trouxer a orquídea será recompensado com um tesouro que o tornará um homem muito rico. Os dois que fracassarem não viverão para ver o meu casamento.

Os corações dos três homens curvados em reverência ao príncipe se encheram de terror, pois eles sabiam que estavam encarando a morte. A orquídea negra era uma flor mítica. Corriam lendas a seu respeito, como acontecia com os dragões de ouro cravejados de joias que enfeitavam a proa das barças reais, as mesmas que transportariam o príncipe até o templo onde ele pronunciaria os votos diante de sua nova princesa.

Naquela noite, os três criados voltaram para casa e se despediram de suas

famílias. Um deles, porém, deitado nos braços da esposa em prantos, era muito esperto e desejava, mais que os outros, sobreviver.

Pela manhã, o casal havia tramado um plano. O homem foi até o mercado flutuante, lugar que vendia especiarias, sedas... e flores. Lá, usou moedas para comprar uma linda orquídea nos mais vivos tons de magenta e rosa, extravagante, com pétalas escuras e aveludadas. Depois percorreu os estreitos *khlongs* de Bangkok, carregando a flor, e encontrou o escriba sentado entre seus rolos de pergaminho no escritório escuro e úmido atrás de sua oficina.

O escriba costumava trabalhar no palácio, por isso o criado o conhecia, mas seu trabalho fora julgado indigno devido às imperfeições de sua caligrafia.

– *Sawadee krup*, escriba. – O criado pousou a orquídea sobre a escrivaninha. – Tenho uma tarefa para você. Se me ajudar, posso oferecer riquezas com as quais até hoje apenas sonhou.

O escriba, que desde o fim dos seus dias no palácio fora forçado a viver em grande dificuldade, olhou para o criado com interesse.

– O que deseja que eu faça?

O criado apontou para a flor.

– Quero que use sua habilidade com a tinta para colorir de negro as pétalas desta orquídea.

O escriba encarou o criado com o cenho franzido. Em seguida, examinou a flor.

– É possível, mas as novas flores que brotarem não serão negras. Você será desmascarado.

– Quando as novas flores brotarem, você e eu estaremos a muitos quilômetros daqui, vivendo como o príncipe a quem sirvo – respondeu o criado.

O escriba meneou a cabeça devagar enquanto refletia.

– Volte aqui ao cair da noite e terá sua orquídea negra.



Ao voltar para casa, o criado disse à esposa que arrumasse as malas com seus poucos pertences. Prometeu que ela poderia comprar tudo que seu coração desejasse e que iria lhe construir um lindo palácio em uma terra muito, muito distante dali.

Na mesma noite, ele voltou à oficina do escriba e arquejou com deleite ao ver a orquídea negra na escrivaninha.

Analisou as pétalas e viu que o escriba tinha feito um excelente trabalho.

– Está seca – comentou o escriba. – E a tinta não sairá com um ou dois dedos curiosos. Eu mesmo tentei. Tente você.

O criado assim o fez, e viu que seus dedos não ficaram manchados de tinta.

– Mas não sei dizer quanto tempo isso vai durar. A própria umidade da flor deixará a tinta úmida. E ela nunca deve, é claro, ser tocada pela chuva.

– Está muito bom – disse o criado, aquiescendo e pegando a orquídea.

– Vou para o palácio. Encontre-me na beira do rio à meia-noite, e darei a sua parte.



Na noite do casamento com a princesa, após dividir com o reino aquele dia de alegria, o príncipe adentrou seus aposentos.

A princesa estava em pé na varanda do lado de fora admirando o rio Chao Phraya, ainda iluminado pelos reflexos dos fogos de artifício usados para celebrar sua união com o príncipe. Ele se aproximou dela.

– Meu único amor, tenho algo para você, algo que significa o quanto é única e perfeita.

Ele lhe entregou a orquídea negra plantada em um vaso de ouro maciço incrustado de pedras preciosas.

A princesa olhou para o presente. As pétalas da flor, negras como a noite, pareciam se esforçar para manter a vitalidade sob a pesada cor que sua espécie produzira. Com sua incomum coloração, a orquídea parecia cansada, murcha e maligna.

Mas ela sabia o que estava segurando, sabia o que aquilo significava e o que ele havia feito por ela.

– Meu príncipe, que coisa linda! Onde a encontrou?

– Procurei por todo o reino. Garantiram-me que não há outra igual, assim como não há outra igual a você.

Ele a encarou, seus olhos brilhavam com todo o amor que sentia.

Ela acariciou delicadamente o rosto do príncipe, torcendo para que ele soubesse que aquele sentimento era correspondido. Sempre seria.

– Obrigada. Ela é perfeita.

Ele segurou a mão que lhe acariciava a face e, ao beijar seus dedos, foi tomado por um desejo de possuí-la por inteiro. Aquela era sua noite de núpcias e ele havia esperado muito tempo por ela. Assim, tomou a princesa nos braços e a beijou.

– Vamos entrar, minha princesa – murmurou no seu ouvido.

Ela deixou a orquídea negra na varanda e o seguiu para dentro do quarto.



Pouco antes do amanhecer, a princesa se levantou da cama e saiu para saudar a primeira manhã de sua vida de casada. Pelas poças rasas que via, concluiu que chovera durante a noite. O novo dia mal nascera. O sol ainda estava parcialmente oculto pelas árvores na outra margem do rio.

Na varanda, havia uma orquídea cor-de-rosa e magenta dentro do mesmo vaso de ouro maciço que seu príncipe lhe dera de presente.

Ela sorriu ao tocar as pétalas agora limpas e saudáveis depois da chuva, e muito mais lindas do que a mesma orquídea, negra, que ele tinha lhe dado na véspera. Um cinza muito discreto coloria a poça d'água ao redor do vaso.

Por fim, compreendendo tudo, ela pegou a flor e inalou seu aroma celestial enquanto refletia sobre o que fazer: seria melhor contar a verdade para ferir ou uma mentira para proteger?

Poucos minutos depois, tornou a entrar no quarto e se aninhou novamente nos braços de seu príncipe.

– Meu príncipe – murmurou ao vê-lo acordar. – Minha orquídea negra foi roubada de nós durante a noite.

Ele se sentou abruptamente, horrorizado, pronto para chamar os guardas. Ela o acalmou com um sorriso.

– Não, meu amor, eu acho que ela nos foi dada apenas por uma noite, a noite em que nos tornamos uma só pessoa, em que nosso amor floresceu e nós também nos tornamos parte da natureza. Não poderíamos querer manter algo tão mágico só para nós. Além do mais, a flor vai murchar e depois morrer... e eu não iria suportar. – Ela segurou a mão do príncipe e a beijou. – Vamos acreditar no seu poder e saber que a sua beleza nos abençoou na primeira noite de nossa vida juntos.

O príncipe pensou por algum tempo. Então, como a amava com todo o seu coração e estava muito feliz por ela agora ser completamente sua, decidiu não chamar os guardas.

E, conforme ele envelheceu e a união foi bem-sucedida – abençoada com um filho gerado justamente naquela noite e com muitos outros depois –, ele passou o resto da vida acreditando que a mítica orquídea negra havia lhes emprestado sua magia, mas que não lhes pertencia nem cabia a eles guardá-la.



Na manhã seguinte ao casamento do príncipe com sua princesa, um pescador pobre estava sentado às margens do Chao Phraya, poucas centenas de metros depois do palácio real, correnteza abaixo. Sua linha de pesca permanecera vazia pelas últimas duas horas. Ele se perguntou se os fogos de artifício da noite anterior teriam espantado os peixes. Não conseguiria pescar nada para vender, e sua numerosa família ia passar fome.

Quando o sol começou a se erguer acima das árvores na margem oposta e a lançar sobre as águas sua abençoada luz, ele viu algo reluzir entre as algas verdes que flutuavam na superfície do rio. Agarrou o objeto e o levou até a margem.

Depois de remover as algas que cobriam o objeto, deparou-se com uma visão impressionante.

O vaso era feito de ouro maciço cravejado de brilhantes, esmeraldas e rubis.

Deixando para trás a vara de pesca, ele guardou o vaso dentro de seu cesto e partiu rumo ao mercado de pedras preciosas da cidade, sabendo, com o coração repleto de alegria, que sua família nunca mais passaria fome.

Parte Um

Inverno



Norfolk, Inglaterra

Todas as noites tenho o mesmo sonho. É como se minha vida fosse arremesada no ar e todas as peças caíssem... fora de ordem e de cabeça para baixo. Todas elas são parte da minha vida, só que na disposição errada, formando uma visão fragmentada.

Dizem que os sonhos são importantes e revelam coisas que estamos escondendo de nós mesmos.

Eu não estou escondendo nada de mim mesma. Até gostaria que isso fosse possível.

Durmo para esquecer. Para encontrar paz, porque passo o dia inteiro lembrando.



Não estou louca. Embora nos últimos tempos tenha pensado bastante no que constitui de fato a loucura. Muitos milhões de seres humanos, cada qual um indivíduo, cada qual com seu próprio perfil genético, seus pensamentos singulares... sua percepção pessoal do mundo. E cada visão é diferente.

Cheguei à conclusão de que tudo que nós, humanos, podemos ter realmente em comum são a carne e os ossos, a matéria física com a qual nascemos. Já me disseram várias vezes, por exemplo, que cada pessoa reage à dor de modo diferente e que não existe reação errada. Há quem chore durante meses, anos até. Essas pessoas se vestem de preto, se enlutam. Já outras parecem imunes à perda. Elas a enterram. Continuam suas vidas exatamente como antes. Como se nada tivesse acontecido.



Não sei ao certo qual foi a minha reação. Não choro há meses. Na verdade, mal cheguei a chorar.

Mas eu não esqueci. Nunca vou me esquecer.

Ouçõ alguém no andar de baixo. Preciso me levantar e fingir que estou pronta para encarar o dia.



Alicia Howard estacionou seu Land Rover junto ao meio-fio. Desligou o motor e subiu o aclave suave até o chalé. Sabendo que a porta da frente nunca estava trancada, abriu-a e entrou.

Ficou parada na sala de estar ainda na penumbra e estremeceu. Foi até as janelas e abriu as cortinas. Afofou as almofadas no sofá, recolheu as três xícaras de café vazias e as levou até a cozinha.

Foi até a geladeira e a abriu. Na porta, uma solitária garrafa de leite pela metade. Nas prateleiras, um iogurte vencido, um pouco de manteiga e um tomate mofado. Fechou a geladeira e inspecionou o saco de pão: vazio, como suspeitava. Sentou-se diante da mesa e deu um suspiro. Pensou na própria cozinha, quentinha e bem abastecida, no cheiro reconfortante de algo sendo preparado no fogão para o jantar, no barulho de crianças brincando e suas risadas agudas e encantadoras. Assim costumava ser o coração de sua casa e de sua vida.

O contraste com aquele cômodo pequeno e desolado era gritante. Na verdade, era uma metáfora condizente com a atual situação de sua irmã mais nova: a vida de Julia, assim como seu coração, tinha se despedaçado.

O ranger da escada de madeira anunciou para Alicia a chegada da irmã. Ela observou Julia surgir à porta da cozinha. Como sempre, impressionou-se com sua beleza. Alicia era loura e tinha a pele clara; Julia era morena e os fartos cabelos cor de mogno emolduravam o rosto de traços finos. O peso perdido recentemente realçava os olhos cor de âmbar, luminosos e amendoados, e os malares bem marcados.

Julia estava vestida de modo inadequado para o clima, era um dos poucos trajes que tinha atualmente: uma bata vermelha e alegre, bordada com sedas coloridas, e uma calça preta e folgada de algodão que disfarçava a magreza de suas pernas. Alicia podia ver que seus braços nus estavam arrepiados. Levantou-se da mesa e puxou a irmã reticente para um abraço afetuoso.

– Você está gelada, querida – comentou Alicia. – Deveria sair e comprar roupas mais quentes. Ou quer que eu traga alguns dos meus suéteres?

– Eu estou bem – respondeu Julia, descartando a preocupação da irmã.
– Aceita um café?

– Sim. Só não tem muito leite. Acabei de olhar na sua geladeira.

– Não faz mal, eu bebo puro.

Julia foi até a pia e ligou a cafeteira.

– E como você tem andado? – perguntou Alicia.

– Bem – respondeu ela, tirando duas canecas da prateleira.

Alicia fez uma careta. “Bem” era a resposta padrão de Julia. Ela a usava para rebater perguntas curiosas.

– Encontrou-se com alguém esta semana?

– Não, na verdade não – respondeu Julia.

– Querida, tem certeza de que não quer passar um tempo com a gente outra vez? Fico mal quando penso em você aqui sozinha.

– Obrigada, mas eu já disse que estou bem – retrucou Julia, distante.

Alicia deu um suspiro de frustração.

– Julia, você não parece bem. Parece ainda mais magra. Está comendo alguma coisa?

– É claro que estou. Não se preocupe. Vai querer o café ou não?

– Não, obrigada.

– Tá bom. – Julia praticamente jogou a garrafa de leite de volta dentro da geladeira. Quando se virou, seus olhos cor de âmbar chispavam de raiva. – Olha, eu sei que você só está fazendo isso porque se importa comigo. Mas, sério, Alicia, eu não sou um dos seus filhos nem preciso de babá. Eu *gosto* de ficar sozinha.

– Em todo caso, é melhor ir pegar seu casaco – disse Alicia em um tom alegre para tentar conter a impaciência crescente da irmã. – Vou levá-la para sair.

– Mas eu já tenho planos para hoje – respondeu Julia.

– Nesse caso, é melhor cancelar. Eu preciso da sua ajuda.

– Para quê?

– Caso tenha esquecido, semana que vem é o aniversário do papai. Quero comprar um presente para ele.

– E precisa da minha ajuda para isso?

– Ele vai fazer 65 anos, e a partir desse dia já pode ser considerado idoso.

– Eu sei disso. Ele é meu pai também.

Alicia se esforçou para manter o controle.

– Vai ter um leilão de objetos pertencentes a Wharton Park ao meio-dia de hoje. Pensei em irmos até lá ver se conseguimos encontrar alguma coisa para dar de presente ao papai.

Ela viu uma centelha de interesse nos olhos da irmã.

– Wharton Park vai ser vendida?

– Vai, você não sabia?

No mesmo instante, Julia franziu o cenho.

– Não, não sabia. Por qual motivo?

– A mesma história de sempre: precisam da grana. Ouvi dizer que o dono está vendendo para um investidor com mais dinheiro do que bom senso. Nenhuma família moderna pode se dar ao luxo de manter um imóvel daqueles. E o último lorde Wharton deixou a casa ficar em um estado de abandono terrível. Parece que ela precisa de uma fortuna em reformas.

– Que triste – murmurou Julia.

– Pois é – concordou Alicia, satisfeita ao ver que a irmã pelo menos parecia interessada. – Aquele lugar foi muito importante na nossa infância, principalmente para a sua. Por isso pensei que a gente poderia dar uma olhada e ver se consegue comprar alguma coisa nesse leilão, alguma lembrança ou recordação para o papai. Provavelmente só vai ter lixo e as melhores coisas vão todas para os leilões da Sotheby's, mas nunca se sabe.

Surpreendentemente, sem precisar de mais convencimento, Julia aquiesceu.

– Está bem. Vou pegar meu casaco.

Cinco minutos depois, Alicia estava manobrando o carro pela estreita rua principal do vilarejo costeiro de Blakeney. Dobrou a esquerda e seguiu rumo ao leste para o curto trajeto até a propriedade.

– Wharton Park... – murmurou Julia.



Visitar vô Bill na estufa era sua lembrança mais marcante da infância: o cheiro sufocante das flores exóticas que ele cultivava e sua paciência ao lhe explicar os gêneros de cada uma e de que parte do mundo elas provinham. O pai dele, e antes disso o pai de seu pai, haviam trabalhado como jardi-

neiros para a família Crawford, dona de Wharton Park, uma vasta propriedade com 400 hectares de terras férteis e cultiváveis.

Os avós dela moravam em um confortável chalé num cantinho aconchegante e movimentado, cercados pelos muitos outros empregados que cuidavam das terras, da casa e dos Crawfords. Jasmine, mãe de Julia e Alicia, tinha nascido e sido criada ali no chalé.

Elsie, avó delas, era como uma avó deveria ser, ainda que fosse levemente excêntrica. Estava sempre pronta para um abraço acolhedor, e havia sempre algo delicioso sendo preparado no fogão para o jantar.

Toda vez que Julia pensava no tempo que tinha passado em Wharton Park, lembrava-se do céu azul e das cores exuberantes das flores a desabrochar sob o sol do verão. A propriedade já fora famosa por sua coleção de orquídeas. Era estranho pensar que essas pequenas e frágeis flores originalmente haviam brotado em climas tropicais. Ainda assim, estavam ali, florescendo no frio hemisfério norte em meio às terras planas de Norfolk.



Quando criança, Julia passava o ano inteiro esperando chegar a hora das visitas de verão a Wharton Park. A tranquilidade e o calor das estufas, bem abrigadas no canto da horta e protegidas dos cruéis ventos que sopravam do mar do Norte no inverno, permaneciam em sua lembrança pelo resto do ano. Aquele cenário, aliado à certeza do acolhedor chalé de seus avós, fizera de Wharton Park um lugar que lhe dava paz. Ali nada mudava. Despertadores e horários não comandavam as coisas. A natureza era quem ditava o ritmo.

Ela ainda se lembrava do velho rádio de baquelite do avô tocando música clássica em um canto da estufa, do início da manhã até o anoitecer.

– Flores adoram música – explicava vô Bill enquanto cuidava de suas preciosas plantas.

Julia ficava sentada num banquinho perto do rádio, observando-o e ouvindo música. Estava aprendendo a tocar piano e descobrira ter uma habilidade natural para o instrumento. Havia um piano vertical muito antigo na pequena sala de estar do chalé. Muitas vezes, depois do jantar, seus avós lhe pediam para tocar. Ficavam ali assistindo, gratos e maravilhados, aos jovens e delicados dedos da neta correrem pelas teclas.

– Você tem um dom divino, Julia – dissera vô Bill certa noite, sorrindo com os olhos enevoados. – Nunca o desperdice, está bem?



No dia em que ela completou 11 anos, vô Bill lhe deu sua própria orquídea de presente.

– Esta aqui é especialmente para você, Julia. O nome dela é *Aerides odoratum*, que significa “filhos do ar”.

Julia estudou as delicadas pétalas marfim e cor-de-rosa da flor. A textura sob seus dedos era aveludada.

– De onde veio esta, vô Bill? – quis saber a menina.

– Do Oriente, das selvas de Chiang Mai, no norte da Tailândia.

– Ah! De que tipo de música você acha que ela gosta?

– Acredito que tenha uma predileção particular por um pouco de Mozart – respondeu seu avô com uma risadinha. – Ou, se parecer que está murchando, talvez você possa tentar um pouco de Chopin!



Sentada na sala de sua casa vitoriana cheia de correntes de ar nos arredores de Norwich, Julia havia cultivado tanto a orquídea quanto seu dom para o piano; tocara para a flor, e esta havia desabrochado para ela inúmeras vezes.

E havia sonhado com o lugar exótico de onde a orquídea viera. Não estava mais na sala de uma casa de subúrbio, mas, sim, na vastidão das selvas do Extremo Oriente, com o barulho das lagartixas, das aves, e o perfume inebriante das orquídeas crescendo em todas as árvores e na vegetação rasteira abaixo delas.

Um dia, sabia que iria ver aquela floresta com os próprios olhos. Por enquanto, porém, a vívida descrição que o avô fazia daquelas terras distantes incendiava sua imaginação e sua música.

Vô Bill faleceu quando Julia estava com 14 anos. Ela recordava nitidamente a sensação da perda. Seu avô e as estufas foram a única certeza em sua jovem e já difícil vida, uma influência sábia e bondosa, e um ouvido para escutá-la... Talvez mais um pai para ela do que o seu próprio tinha

sido. Aos 18 anos, ela havia conseguido uma bolsa para o Royal College of Music de Londres. Sua avó Elsie tinha se mudado para Southwold, onde morava com a irmã, e Julia nunca mais visitou Wharton Park.



E ali estava ela novamente, aos 31 anos, voltando àquele lugar. Enquanto Alicia tagarelava sobre os quatro filhos e suas diversas atividades, Julia revivia a expectativa que costumava sentir toda vez que percorrera aquela estrada no carro dos pais: olhando pelo vidro traseiro e esperando surgir a guarita do portão, que assinalava a entrada de Wharton Park, quando fizessem a conhecida curva na estrada.

– A entrada é ali! – disse quando Alicia quase passou direto.

– Nossa, é mesmo, tem razão. Tem tanto tempo que não venho aqui que tinha até esquecido.

Quando elas estavam subindo o acesso de carros até a casa, Alicia olhou de relance para Julia. Pôde ver um brilho de expectativa nos olhos da irmã.

– Você sempre amou este lugar, né? – indagou, baixinho.

– Sempre. Você não?

– Para ser sincera, eu ficava entediada quando vínhamos passar temporadas aqui. Mal podia esperar para voltar à cidade e ver meus amigos.

– Você sempre foi uma garota mais urbana – comentou Julia.

– É, e olha só para mim agora: 34 anos, uma fazenda no meio do nada, uma penca de filhos, três gatos e dois cachorros. Onde foram parar as luzes da cidade? – Alicia sorriu com ironia.

– Você se apaixonou e formou uma família.

– E quem ficou com as luzes da cidade foi *você* – arrematou Alicia sem maldade alguma.

– É, antes sim... – A voz de Julia se dissipou quando elas chegaram em frente à casa. – A casa está igualzinha.

Alicia olhou para a construção.

– Na verdade acho que está até melhor. Devo ter esquecido como era bonita.

– Eu nunca esqueci – murmurou Julia.

Aos poucos, elas foram seguindo a fila de carros, cada qual perdida nos próprios pensamentos. Wharton Park fora construída no estilo georgiano clássico para o sobrinho do primeiro premiê da Grã-Bretanha, embora ele

tenha morrido antes de a casa ficar pronta. Feita quase inteiramente em pedra de Aislaby, a residência havia adquirido um suave tom amarelado ao longo de seus trezentos anos de existência.

Suas sete alas e escadarias duplas, que se erguiam do subsolo até o andar principal formando uma varanda elevada com vista para o terreno atrás da casa, contribuía com um ar de glamour francês. Com torres encimadas por cúpulas em cada canto, o grande pórtico sustentado por quatro gigantescas colunas jônicas e uma estátua esfacelada de Britânia encarapitada alegremente no cume lhe davam um ar majestoso, embora um tanto excêntrico.

Wharton Park não era grande o suficiente para ser considerada uma propriedade nobre. Tampouco apresentava uma arquitetura perfeita, já que as gerações mais recentes dos Crawfords tinham feito alguns acréscimos esquisitos que haviam comprometido sua pureza. Por este exato motivo, porém, tampouco exibia a sisudez intimidadora associada às outras grandes residências do período.

– Era aqui que a gente dobrava à esquerda antigamente – indicou Julia, recordando a trilha que costumava pegar para dar a volta no lago e chegar ao chalé dos avós no final do terreno.

– Depois de conferir o leilão, quer ir até o antigo chalé deles dar uma olhada? – perguntou Alicia.

Julia deu de ombros.

– Vamos ver, né?

Funcionários de casaco amarelo direcionavam os carros até as vagas no estacionamento.

– A notícia deve ter se espalhado – comentou Alicia enquanto embicava o carro na vaga indicada e estacionava. Virou-se para a irmã e pôs a mão no seu joelho. – Pronta para ir?

Julia estava atordoada, tamanha a quantidade de lembranças que vinham à sua mente. Ao saltar do carro e caminhar em direção à casa, até os cheiros lhe eram familiares: grama molhada, recém-cortada, e um leve indício de perfume que ela agora sabia ser jasmim nas sebes que margeavam o gramado dianteiro. Elas seguiram as pessoas devagar escada acima e entraram pela porta principal da casa.

2

Tenho 11 anos outra vez. Estou em pé num imenso hall de entrada, mas que para mim parece uma catedral. O teto é alto e, ao examiná-lo, vejo que é pintado com nuvens e anjos gordinhos e nus. Isso me fascina. De tanto encará-los, acabo não percebendo que alguém em pé na escada olha para mim.

– Posso ajudar, minha jovem?

Levo um susto tão grande que quase deixo cair o precioso vaso que tenho nas mãos, motivo que me levara até ali. Meu avô me despachou especialmente para entregá-lo a lady Crawford. Não fiquei feliz com a missão, tenho medo dela. Quando a vi de longe, ela me pareceu velha, magra e zangada. Mas vô Bill insistiu:

– Ela está muito triste, Julia. Pode ser que a orquídea a alegre. Agora vá lá. Isso, boa menina.

A pessoa na escada com certeza não é lady Crawford. É um rapaz, talvez uns quatro ou cinco anos mais velho do que eu, com fartos cabelos castanhos encaracolados compridos demais para um menino, na minha opinião. É bem alto, mas muito magro; seus braços parecem gravetos a despontar para fora das mangas arregaçadas da camisa.

– Sim, estou procurando lady Crawford. Trouxe isto aqui para ela das estufas – consegui balbuciar.

Ele desceu saltitando o restante dos degraus e veio se postar na minha frente com as mãos estendidas.

– Eu levo para ela se você quiser.

– Meu avô disse para eu entregar em mãos – falei, nervosa.

– Infelizmente ela agora está descansando. Não está se sentindo muito bem, você sabe.

– Eu não sabia.

Quero perguntar quem é ele, mas não me atrevo. Ele deve estar lendo meus pensamentos, pois diz:

– *Lady Crawford é minha parente, então eu acho que você pode confiar em mim, não?*

– *Sim. Tome. – Estendo a orquídea para ele, secretamente aliviada por não precisar entregá-la pessoalmente. – Pode dizer a lady Crawford que meu avô disse que essa é uma... – Esforço-me para recordar a palavra. – ...uma híbrida nova, e que acabou de dar flor?*

– *Sim, direi.*

Fico ali parada, sem saber muito bem o que fazer a seguir. Ele também.

Por fim, ele diz:

– *E você, como se chama?*

– *Julia Forrester. Sou neta do Sr. Stafford.*

Ele arqueia uma das sobrancelhas.

– *Ah, claro. Bom, eu sou Christopher Crawford. Meus amigos me chamam de Kit.*

Ele estende a mão que não está segurando a planta e eu a aperto.

– *Muito prazer, Julia. Soube que você toca piano muito bem.*

Enrubesco.

– *Eu não acho.*

– *Não precisa ser modesta – repreende ele. – Ouvi a cozinheira e sua avó conversando sobre você hoje de manhã. Venha comigo.*

Ele continua segurando minha mão depois de tê-la apertado, e de repente me puxa pelo hall e por uma série de grandes cômodos ocupados pelo tipo de mobília formal que faz o lugar parecer uma gigantesca casa de bonecas. Pergunto-me onde eles se sentam para ver TV à noite. Por fim, chegamos a uma sala banhada por uma luz dourada que entra pelas três janelas de pé-direito alto com vista para o terraço que dá no jardim. Há grandes sofás arrumados em volta de uma imensa lareira de mármore e, no canto mais afastado, em frente a uma das janelas, um piano de cauda. Kit Crawford me leva até ele, puxa a banqueta e me conduz para eu me sentar.

– *Vamos lá. Toque alguma coisa.*

Ele ergue a tampa, e uma chuva de tufos de poeira alça voo, cintilando ao sol da tarde.

– *Tem... tem certeza de que eu posso? – pergunto.*

– *Tia Crawford dorme na outra ponta da casa. Não é provável que ela escute. Vamos! – Ele me olha com ar de expectativa.*

Hesitante, pouso as mãos sobre as teclas. São diferentes de qualquer outra

coisa que meus dedos já tocaram. Na hora eu não sabia disso, mas aquelas teclas eram feitas do mais nobre marfim; eu estava tocando um Bechstein de 150 anos. Toco uma nota de leve, mas ainda assim seu eco ressoa pelas cordas e o som sai amplificado.

Kit aguarda em pé ao meu lado, de braços cruzados. Percebo que não tenho escolha. Começo a tocar “Clair de lune”, peça que aprendi faz pouco tempo. É a minha preferida atualmente e passei horas treinando para aprender a tocá-la. Conforme as notas vão surgindo sob meus dedos, esqueço Kit. Sou levada pelo lindo som produzido por aquele maravilhoso instrumento. Como sempre acontece, vou parar em outro lugar, muito longe dali. O sol bate nos meus dedos, aquece meu rosto com sua luz. Toco talvez melhor do que jamais toquei, e fico surpresa quando meus dedos batem nas últimas teclas e a peça termina.

Ouço o som de palmas em algum lugar atrás de mim e me obrigo a voltar àquele cômodo imenso e a Kit, que está em pé com uma expressão de assombro no rosto.

– Uau! – comenta ele. – Que incrível!

– Obrigada.

– E você é tão novinha. Seus dedos são tão pequenos. Como podem se mover tão depressa?

– Não sei... Simplesmente acontece.

– Sabia que Harry, lorde Crawford, marido de tia Crawford, era um exímio pianista?

– Ah, não... não sabia.

– Bom, ele era. Esse piano era dele. Ele morreu quando eu era bebê, então nunca o escutei tocar. Pode tocar mais alguma coisa?

Dessa vez ele parece realmente entusiasmado.

– Eu... eu acho que deveria voltar.

– Só mais uma, por favor.

– Está bem – respondo.

Começo a tocar “Rapsódia sobre um tema de Paganini”. E, mais uma vez, me perco na música. Estou na metade da peça quando de repente ouço gritos:

– PARE! Pare com isso agora!

Faço o que estão mandando e olho na direção da porta da sala. Uma mulher alta, magra e grisalha postada ali. Sua expressão é de fúria. Meu coração começa a bater muito depressa.

Kit vai até ela.

– Desculpe, tia Crawford, eu pedi para Julia tocar. Como você estava dormindo, não pude pedir permissão. Acordamos você?

Um olhar frio o encarava de volta.

– Não. Vocês não me acordaram. Mas, Kit, a questão não é essa. Com certeza você sabe que eu proibi qualquer um de tocar esse piano, não?

– Eu sinto muito mesmo, tia Crawford. Não me dei conta. Mas Julia é maravilhosa... Ela só tem 11 anos e já toca feito uma pianista de concerto.

– Chega! – dispara a tia.

Kit abaixa a cabeça e acena para que eu me aproxime.

– Desculpe outra vez – diz enquanto eu me escondo atrás dele.

Quando estou passando por lady Crawford, ela me detém.

– Você é a neta de Stafford? – indaga ela, com os olhos azuis frios e penetrantes cravados em mim.

– Sim, lady Crawford.

Vejo seu olhar se suavizar de leve, e quase parece que ela vai chorar. Ela aquiesce e parece ter dificuldade para falar:

– Eu... eu fiquei triste quando soube da sua mãe.

Kit sente a tensão e a interrompe.

– Julia trouxe uma orquídea para a senhora, tia. É uma das novas da estufa do avô dela, não é, Julia? – diz ele, para me incentivar.

– Isso – respondo, esforçando-me para não chorar. – Espero que a senhora goste.

Ela assente.

– Tenho certeza de que vou gostar. Agradeça ao seu avô por mim.



Alicia esperava pacientemente na fila por um catálogo do leilão.

– Você alguma vez entrou nesta casa quando era pequena? – perguntou ela.

– Entrei – respondeu Alicia. – Uma vez.

Alicia apontou para o teto.

– Meio cafonas esses querubins, né?

– Eu meio que gostava deles – respondeu Julia.

– Que casa velha mais engraçada – continuou Alicia, pegando o catálogo

oferecido e seguindo as pessoas pelo hall e depois por um corredor até um espaçoso cômodo com as paredes revestidas de carvalho onde estavam expostos todos os itens à venda. Passou o catálogo para a irmã.

– É uma pena a casa estar sendo vendida. Ela é o lar da família Crawford há trezentos anos – refletiu ela. – O fim de uma era, coisa e tal. Vamos dar uma volta?

Segurando a mão de Julia, ela a guiou na direção de uma urna grega elegante, porém rachada – e, a julgar pelas reveladoras linhas de musgo na parte interna, obviamente usada como vaso de flores.

– Que tal isto aqui para o papai?

Julia deu de ombros.

– Pode ser. Você é quem sabe.

Ao sentir que o interesse da irmã diminuía e que ela própria estava começando a se irritar, Alicia falou:

– Bom, por que a gente não se separa? Assim podemos ver mais depressa o que está disponível. Você começa por este lado, e eu por aquele, e a gente se encontra daqui a dez minutos perto da porta.

Julia concordou e observou a irmã avançar até o outro lado da sala. Como andava desacostumada a multidões, sentiu-se desconfortável, claustrofóbica. Foi avançando em direção ao canto mais vazio do cômodo. Em um deles havia uma mesa de cavalete, atrás da qual estava uma mulher de pé. Como não tinha outro lugar para ir, Julia se aproximou dela.

– Esses objetos não fazem parte da venda – disse a mulher. – Na verdade, são umas bugigangas. A senhora pode comprar qualquer objeto que tiver uma etiqueta com o preço.

Julia pegou um exemplar meio amassado de *O livro de maravilhas das crianças*. Abriu-o e viu que a data escrita no interior era 1926: *Para Hugo, com amor, da vovó*.

Havia também um exemplar de 1932 do *Almanaque Wilfred*, e um de *O jardim de cravos*, de Kate Greenaway.

Os livros tinham algo de comovente: eram mais de oitenta anos de crianças da família Crawford lendo as histórias conforme cresciam nos quartos em algum lugar acima de onde Julia estava. Ela decidiu comprá-los e guardá-los para as crianças carentes de Wharton Park.

À esquerda da mesa havia uma caixa de papelão surrada cheia de gravuras. Julia as folheou sem entusiasmo. Eram quase todas litografias retra-

tando o grande incêndio de Londres, navios antigos e casas feias. No meio delas havia um envelope pardo usado. Ela o tirou da caixa.

Lá dentro encontrou um conjunto de gravuras em aquarela, cada qual representando um tipo diferente de orquídea.

O grosso papel cor creme no qual as aquarelas tinham sido pintadas estava todo salpicado de marcas marrons, e ela concluiu que os desenhos eram obra de um artista amador entusiasmado. Ainda assim, emolduradas e penduradas, poderiam ficar bem bonitas, pensou. Cada uma delas tinha o nome em latim da orquídea escrito a lápis abaixo do caule.

– E estas, quanto custam? – perguntou ela à mulher.

A mulher pegou o envelope.

– Não sei. Não parecem estar com o preço.

– Bem, e se eu lhe desse 20 libras, 5 por cada? – sugeriu Julia.

A mulher olhou para as aquarelas gastas e deu de ombros.

– Acho que deveríamos dizer 10 pelo conjunto, o que acha?

– Obrigada.

Julia tirou o dinheiro da bolsa, pagou, então tornou a atravessar a sala rumo ao ponto de encontro com Alicia, que já estava à sua espera.

A irmã olhou para o envelope e os livros sob seu braço.

– Achou alguma coisa?

– Achei, sim.

– Posso ver?

– Eu mostro quando chegarmos em casa.

– Tá – concordou Alicia. – Vou dar um lance na urna que vimos mais cedo. Ela faz parte do lote 6. Com sorte, não deve demorar muito. O leilão vai começar a qualquer momento.

Julia assentiu.

– Vou dar uma volta enquanto espero você. Preciso tomar um ar – explicou-se ela.

– Tá. – Alicia vasculhou a bolsa em busca das chaves e as entregou à irmã. – Só para o caso de eu me atrasar. Caso contrário, a gente se vê perto da porta da frente daqui a meia hora. Você talvez precise me ajudar a descer a escada com meu troféu.

– Obrigada. – Julia pegou as chaves. – Até daqui a pouco.

Saiu da sala e pegou o corredor até o hall de entrada agora deserto. Parou e ergueu os olhos para os querubins do teto. Olhou na direção da porta que

levava à sala de estar onde ficava o piano de cauda que um dia havia tocado. A porta estava aberta do outro lado do hall.

Por impulso, andou em direção a ela, hesitou por alguns segundos, então entrou. A ampla sala estava tomada pela fraca luz de janeiro. Os móveis sem uso continuavam exatamente como ela recordava. Percorreu os outros cômodos até chegar à porta da sala.

Lá os raios de sol não entravam pelas janelas altas. Fazia muito frio naquele cômodo. Ela passou pela lareira e pelos sofás, que exalavam um cheiro desagradável de mofo, e foi em direção ao piano de cauda.

Só então reparou na silhueta alta parada de costas para ela, olhando pela janela. Metade da pessoa estava oculta pela cortina adamascada, cujo tecido parecia tão frágil que lembrava a visão de entranhas através de uma pele fina como papel.

Ela congelou onde estava, pois soube imediatamente quem era. Ele não se mexeu e continuou imóvel feito uma estátua. Obviamente não a ouvira entrar.

Julia entendeu que estava invadindo um momento íntimo de contemplação e se virou para tentar sair da sala o mais depressa possível.

Acabara de chegar à porta quando o escutou.

– Posso ajudá-la?

Ela tornou a se virar.

– Desculpe, eu não deveria ter entrado aqui.

– Não, não deveria mesmo. – Ele a encarou. Franziu o cenho. – Eu conheço a senhora?

Uns 10 metros de sala os separavam, mas Julia se lembrava dos cabelos castanhos fartos e encaracolados, do corpo esguio que havia ficado mais forte e tinha crescido pelo menos 30 centímetros desde a última vez que ela o vira. Lembrava-se da boca enviesada.

– Sim. Eu... quero dizer, nós nos encontramos muitos anos atrás – gaguejou Julia. – Me desculpe. Eu já vou.

– Ora, vejam só. – O semblante dele se desfez em um sorriso de reconhecimento. – É a pequena Julia, neta do jardineiro e hoje pianista de renome internacional. Acertei, não é?

– Sim, sou eu – respondeu ela, assentindo. – Embora não tenha certeza quanto ao “renome internacional”.

Kit arqueou as sobrancelhas.

– Deixe de ser modesta, Julia. Tenho uma ou duas gravações suas. Você é famosa! Uma celebridade! O que está fazendo aqui? Você deve passar a maior parte da vida morando em suítes cinco estrelas de hotéis mundo afora.

Julia se deu conta de que ele obviamente não ficara sabendo.

– Eu estou... visitando o meu pai – mentiu.

– Bom, quanta honra. – Kit fez uma mesura fingida. – Você é meu pasaporte para a fama. Vivo contando para todo mundo que fui o primeiro a ouvir você tocar “Clair de lune”. Muito adequado tornarmos a nos encontrar nesta sala às vésperas da venda da casa.

– É. Eu sinto muito por isso – respondeu ela, tensa.

– Não precisa. É melhor assim. Tia Crawford deixou a casa se desmantelar enquanto morava aqui, e meu pai não teve dinheiro nem interesse para reformá-la. Para ser sincero, tive sorte de encontrar alguém disposto a comprar. A reforma vai custar uma fortuna.

– Quer dizer que você é o herdeiro de Wharton Park? – indagou ela.

– É, infelizmente sou. Como tia Crawford e meu pai morreram faz pouco tempo, eu sou o próximo da linha sucessória. O problema é que tudo que vou herdar é um caminhão de dívidas e uma enxurrada de problemas. Enfim... – Ele deu de ombros. – Desculpe ser tão negativo.

– Com certeza deve haver uma parte de você que está triste, não?

Kit enfiou as mãos nos bolsos da calça e foi até ela.

– Para ser bem sincero, num nível pessoal, não. Eu só vinha aqui quando era criança, durante as férias, de modo que não tenho nenhum grande vínculo emocional com a casa. E também não curto muito brincar de senhor de terras. Mas ter sido a pessoa a tomar a decisão de vender trezentos anos de história da família de fato me rendeu algumas noites de insônia. Mas que alternativa eu tenho? A propriedade está muito endividada e preciso vender para pagar os credores.

– Vai vender o terreno todo? – perguntou Julia.

Kit correu uma das mãos pelos cabelos bagunçados e suspirou.

– Consegui negociar o velho pátio do estábulo onde antes ficava a moradia de alguns funcionários, mais uns poucos míseros hectares. Tem um caminho separado na estrada que posso tentar recuperar, assim não vou precisar usar a entrada principal. Minha casa nova é um chalé bem detonado, sem calefação central e com um baita problema de umidade. – Ele

sorriu. – Mas é melhor do que nada e vou reformá-lo. Acho que, quando terminar, vai ficar bom.

– Era lá que meus avós moravam, e foi onde minha mãe nasceu – disse Julia. – Nunca reparei que os chalés do pátio eram detonados, com problemas de umidade, mas acho que deviam ser mesmo.

– Mas claro! – Kit enrubesceu. – Nossa, como eu devo estar soando arrogante. Desculpe ter me referido com tanto desprezo aos chalés. Na verdade, o motivo pelo qual eu lutei para retirar o pátio da venda foi porque acho aquele local muito lindo. Sério – reiterou ele. – Estou animado para ir morar lá. E quando tiver terminado de reformar o resto dos galpões e dos chalés ao meu redor, torço para conseguir alugá-los e embolsar algum dinheiro.

– Você não tem mais onde morar?

– Como você, eu passei muito tempo fora do país. Por algum motivo, nunca cheguei a arrumar uma casa... – A voz dele se perdeu, e ele desviou os olhos para a janela. – E esta região não me traz lembranças particularmente boas. Passei alguns verões bem infelizes aqui durante a infância.

– Eu adorava vir a Wharton Park.

– Bom, é uma bela casa antiga, e a paisagem é magnífica – concordou Kit, reticente.

Julia o estudou. Podia ver que ele exibia um belo bronzeado, mas que parecia emaciado e exausto. Sem saber mais o que dizer, falou:

– Bom, tomara que você seja feliz na sua nova casa. É melhor eu ir andando.

– E eu acho que preciso ficar de tocaia nos fundos da sala de leilão.

Eles percorreram os cômodos escuros lado a lado em direção ao hall.

– Mas onde você está morando agora? – Kit quis saber, puxando conversa. – Numa enorme cobertura com vista para o Central Park, aposto.

– Não chegou nem perto. Estou morando em Blakeney, num chalé pequeno e úmido que comprei anos atrás, quando todo mundo me dizia que eu precisava investir em um imóvel. Estava alugando por temporada havia oito anos.

– Mas você deve ter uma segunda casa em outro lugar, não? – Kit franziu a testa. – Celebidades não saem nas páginas daquelas revistas chiques posando em chalés úmidos do norte de Norfolk.

– Eu não saio em “revistas chiques” – retrucou Julia, na defensiva. – E... é uma longa história – acrescentou ela, percebendo que eles estavam che-

gando ao hall. Havia uma pergunta urgente que ela precisava fazer: – As estufas ainda existem?

– Não sei – respondeu Kit, dando de ombros. – Para ser sincero, ainda não fui para aquele lado. Tive muito a fazer em outros lugares.

Quando eles chegaram ao hall, Julia viu a irmã em pé junto à porta segurando sua urna, com ar impaciente.

– Ah, você está aí, Kit! – Uma mulher gorda de cabelos castanhos e olhos escuros iguaizinhos aos dele surgiu. – Onde tinha se enfiado? O leiloeiro quer falar com você urgentemente sobre um vaso. Talvez seja da dinastia Ming ou algo assim e acha que você deveria tirá-lo do leilão e mandar avaliar na Sotheby's.

Julia viu certa irritação surgir no rosto de Kit.

– Julia, esta é Bella Harper, minha irmã.

Bella olhou Julia de cima a baixo sem muito interesse.

– Oi – falou, distraída, e deu o braço a Kit. – Você precisa falar com o leiloeiro agora – disse ela com firmeza, puxando-o pelo hall.

Kit se virou e abriu um sorriso para Julia.

– Prazer em revê-la – falou, e se foi.

Julia seguiu na mesma direção que ele e atravessou o hall até Alicia, que estava encarando as duas silhuetas que se afastavam.

– De onde você conhece *ela*? – indagou Alicia, curiosa.

– Ela quem? – rebateu Julia, segurando a outra ponta da urna que a irmã lhe estendia e ajudando-a a transportá-la escada abaixo em direção ao carro.

– A megera da Bella Harper, claro. Vi você conversando com ela agorinha.

– Eu não a conheço. Só conheço Kit, o irmão dela.

Elas haviam chegado ao carro, então Alicia abriu o porta-malas para guardar a urna.

– Você se refere a lorde Christopher Wharton, o herdeiro disso tudo?

– É, imagino que ele agora seja – concordou Julia. – Mas eu o conheci anos atrás nesta casa, e acabei de esbarrar com ele outra vez.

– Você esconde mesmo o jogo, Julia. Nunca comentou que o tinha conhecido quando éramos pequenas – disse Alicia com a testa franzida enquanto pegava uma capa de chuva velha para enrolar a urna e encaixá-la em um dos cantos do bagageiro. – Tomara que chegue inteira – falou, e fechou o porta-malas.

As duas embarcaram e Alicia deu a partida.

– Quer tomar alguma coisa e comer um sanduíche no pub? – perguntou ela. – Aí você pode me contar tudo sobre como conheceu o delicioso lorde Kit. Espero que ele seja mais simpático do que a irmã. Eu a encontrei algumas vezes em jantares aqui na região, e ela me trata como se eu ainda fosse a neta do jardineiro. Graças a Deus quem herda o título é o parente mais próximo do sexo masculino. Se Bella fosse homem, ninguém seria capaz de suportá-la!

– Não... não acho que Kit seja assim – disse Julia, em tom suave. Virou-se para a irmã e completou: – Obrigada pelo convite, mas, se você não se importar, só queria ir para casa.

Alicia viu a exaustão nos olhos da irmã.

– Tá bom – respondeu. – Mas vamos parar no mercado para eu comprar algumas coisinhas.

Julia aquiesceu, esgotada demais para discutir.



Alicia insistiu para Julia ficar sentada no sofá enquanto ela acendia a lareira e guardava as compras. Dessa vez, pelo menos, Julia não reclamou dos cuidados. A saída, sua primeira em semanas, a deixara exausta. A volta a Wharton Park e o reencontro com Kit a tinham deixado abalada.

Alicia surgiu da cozinha com uma bandeja e colocou-a em frente à irmã.

– Fiz uma sopa para você. Tome, por favor. – Ela pegou o envelope pardo que Julia havia posto na mesa de centro. – Posso?

– Claro.

Alicia tirou as aquarelas do envelope, pôs em cima da mesa e as estudou.

– São uma graça. É o presente perfeito para o papai. Você vai mandar emoldurar?

– Se der tempo, sim.

– Você vem almoçar com a gente no aniversário dele domingo que vem, né? – Alicia quis saber.

Julia concordou com relutância e empunhou a colher de sopa.

– Querida, eu entendo que vá ser difícil, que você não esteja com cabeça para grandes reuniões de família no momento, mas sei que todo mundo está ansioso para vê-la. E o papai vai ficar arrasado se você não for.

– Eu vou. É claro que eu vou.

– Ótimo. – Alicia consultou o relógio de pulso. – Acho melhor eu voltar para o meu hospício. – Ela revirou os olhos, foi até Julia e lhe deu um leve aperto no ombro. – Posso trazer mais alguma coisa para você?

– Não, obrigada.

– Está bem. – Ela deu um beijo na testa da irmã. – Por favor, dê notícias, e lembre-se de sempre deixar o celular ligado. Fico preocupada com você.

– Aqui quase não tem sinal, mas tudo bem – respondeu Julia. Observou a irmã sair pela porta. – E obrigada por me levar de volta a Wharton Park.

– O prazer foi todo meu. É só ligar que eu apareço. Cuide-se, Julia.

A porta bateu quando Alicia foi embora.

Julia estava se sentindo sonolenta e letárgica. Deixando a tigela de sopa pela metade, subiu penosamente a escada e se sentou na cama com as mãos unidas no colo.



Eu não quero melhorar. Quero sofrer do mesmo jeito que eles sofreram. Estejam onde estiverem, pelo menos estão juntos, enquanto eu estou aqui sozinha. Quero saber por que não fui levada com eles, se agora eu não estou nem aqui nem lá. Não posso viver nem posso morrer. Todo mundo torce para eu escolher a vida, mas se eu fizer isso tenho que me desapegar deles. E eu não consigo. Ainda não...

CONHEÇA A SAGA DAS SETE IRMÃS

“O projeto mais ambicioso e emocionante de Lucinda Riley. Um labirinto sedutor de histórias, escrito com o estilo que fez da autora uma das melhores escritoras da atualidade. Esta é uma série épica.” – *Lancashire Evening Post*

“Lucinda Riley criou uma série que vai agradar a todos os leitores de Kristin Hannah e Kate Morton.” – *Booklist*

Com a série das Sete Irmãs, Lucinda Riley elabora uma saga familiar de fôlego, que levará os leitores a diversos recantos e épocas e a viver amores impossíveis, sonhos grandiosos e surpresas emocionantes.

No passado, o enigmático Pa Salt adotou suas filhas em diversos recantos do mundo, sem um motivo aparente. Após a sua morte, elas descobrem que o pai lhes deixou pistas sobre as origens de cada uma, que remontam a personalidades importantes. Assim começam as jornadas das Sete Irmãs em busca de seus passados.

Baseando-se livremente na mitologia das Plêiades – a constelação de sete estrelas que já inspirou desde os maias e os gregos até os aborígenes –, Lucinda Riley cria uma série grandiosa que une fatos históricos e narrativas apaixonantes.

Conheça a série:

As Sete Irmãs (Livro 1)

A irmã da tempestade (Livro 2)

A irmã da sombra (Livro 3)

A irmã da pérola (Livro 4)

CONHEÇA OS LIVROS DE LUCINDA RILEY

A garota italiana
A árvore dos anjos
O segredo de Helena
A casa das orquídeas

SÉRIE AS SETE IRMÃS

As Sete Irmãs
A irmã da tempestade
A irmã da sombra
A irmã da pérola

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

